

AS FUNÇÕES SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA NAS ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS NA INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

SEMANTIC AND PRAGMATIC FUNCTIONS IN LINGUISTIC CHOICES IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

(LIBRAS) INTERPRETATION

Eliziane Manosso Streiechen¹

Denielli Kendrick²

Sarah Tamara Corrêa Hilgemberg³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar as escolhas linguísticas adotadas na interpretação em Libras relacionadas à semântica e à pragmática, em contextos de avaliação de proficiência na língua de sinais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apoiada em um estudo de caso. Os dados foram constituídos a partir da gravação de uma banca de avaliação na área de tradução e interpretação de Libras/Português. A análise centra-se em recortes de vídeos das autoras, deste texto, as quais reproduziram, de forma fidedigna, os materiais selecionados que fazem parte do acervo da instituição responsável pela avaliação da proficiência. Foram analisados três excertos com foco nas escolhas lexicais, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Os resultados revelam que, embora se trate da mesma temática interpretada, os candidatos recorreram a léxicos e estruturas sintáticas diferentes. Algumas dessas escolhas acabaram por gerar significados semânticos que não condizem com o texto da língua fonte. Apesar de a Libras oferecer múltiplos recursos linguísticos, como topicalização, dêixis e anáfora, entre outros, os dois candidatos não recorreram a eles, recaindo, muitas vezes, no português sinalizado. Pretende-se, a partir desta pesquisa, contribuir com os estudos que envolvem a tradução e a interpretação do par linguístico Libras-Português.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Tradução. Interpretação. Semântica. Pragmática.

ABSTRACT

This article aims to analyze the linguistic choices adopted in the interpretation in Brazilian Sign Language (Libras) related to semantics and pragmatics, in contexts of sign language proficiency assessment. This is a qualitative research study, with an exploratory and descriptive character, supported by a case study. The data were collected from the recording of an evaluation board in the area of translation and interpretation of Libras/Portuguese. The analysis focuses on video excerpts from the authors of this text, who faithfully reproduced the selected materials that are part of the collection of the institution responsible for proficiency assessment. Three excerpts were analyzed, focusing on lexical, semantic, and pragmatic choices. The results reveal that, although the interpreted theme was the same, the candidates resorted to different lexicons and syntactic structures. Some of these choices ended up generating semantic meanings that do not correspond to the source language text. Despite Libras offering multiple linguistic resources, such as topicalization, deixis, and anaphora, among others, the two candidates did not resort to them, often falling back on signed Portuguese. This research intends to contribute to studies involving the translation and interpretation of the Libras-Portuguese language pair.

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR), eliziane@unicentro.br, <https://orcid.org/0000-0002-9919-5797>.

² Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná- CAS Guarapuava/SEED/DEIN/PR, deniellik@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-8880-0560>.

³ Instituto Federal do Paraná (IFPR/Irati), sarah.hilgemberg@ifpr.edu.br, <https://orcid.org/0009-0009-6285-6625>.

KEYWORDS: Libras. Translation. Interpretation. Semantics. Pragmatics.

1. Introdução

Desde que a Língua de Sinais Brasileira (Libras) foi oficializada (Brasil, 2002) e o Decreto Federal nº 5.626 (Brasil, 2005) tornou obrigatória a presença do tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS) nas esferas em que haja surdos, o campo da tradução e interpretação em línguas de sinais tem se ampliado e demonstrado bastante promissor no sentido profissional. Contudo, denota-se um grande desafio das instituições e empresas em atender à legislação, devido à escassez de profissionais habilitados para assumirem a demanda que a inclusão escolar e social dos surdos requer.

Embora as pessoas se interessem pela área, a maioria não consegue atingir o nível de proficiência exigida para atuar como TILS, visto que o ato tradutório e interpretativo demanda tomadas de decisões que vão muito além da simples sobreposição de sinais e domínios de vocabulário (Streiechen; Finau, 2024).

Quadros (2004, p. 7) aponta algumas características que definem os profissionais que atuam como TILS, a saber: a) Intérprete: pessoa que interpreta de uma língua fonte (LF) para outra língua alvo (LA) o que foi dito; b) Intérprete de língua de sinais: pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais; Tradutor: pessoa que traduz de uma língua para outra. Tecnicamente, tradução refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim, tradutor é aquele que traduz o texto escrito de uma língua para outra. Tradutor/intérprete de língua de sinais: pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita).

Contudo, o TILS precisa ter o compromisso com a fidelidade da mensagem a ser traduzida/interpretada, de forma a respeitar certas características, as quais são destacadas por Gile (1998, p. 45), tais como: 1. ouvir e entender a mensagem na língua de partida, 2. reproduzir esta mensagem na língua de chegada, 3. arquivar e acessar informações na memória de curto prazo. Para isso, torna-se fundamental que o TILS respeite os preceitos éticos, discriminados por Quadros (2004, p. 28) da seguinte forma: confiabilidade (sigilo profissional); imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e, talvez, o mais controverso deles: fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

Além dos valores éticos estabelecidos por Quadros (2004), a teoria pragmática de Grice (1982) sobre as Máximas Conversacionais – Quantidade, Qualidade, Relação e Modo – contribuem com o processo de tradução. Embora formuladas originalmente para explicar como os falantes cooperam em conversas cotidianas, as Máximas podem ser pensadas como diretrizes aplicáveis a qualquer mediador de discurso, incluindo o TILS, ao não acrescentar nem omitir informação (quantidade),

ao manter a veracidade (qualidade), ao priorizar o que é mais importante no discurso (relação) e a transmitir a informação na língua-alvo de forma clara e ordenada (modo).

O processo que ocorre entre o ato de receber uma determinada mensagem em uma língua e transferi-la para o contexto de uma segunda língua envolve, portanto, mais do que fatores cognitivos, intelectuais e princípios, mas também, fatores sociais, culturais, históricos, geográficos e linguísticos. De acordo com Segala (2010, p. 7):

Ser tradutor não é ser aquele que sabe duas línguas e que simplesmente transpõe uma língua para outra; também não é só aquele que reconstrói significados. Esse profissional precisa conhecer e saber a cultura, a linguística das línguas fonte e alvo, além de ter experiência na vida social.

Portanto, traduzir e interpretar remete a novos olhares guiados por visões distintas que permeiam a discussão da mediação entre mundos culturais e sociais distintos, em que adaptações, contextualizações, personalização, perdas, ganhos são inerentes à atuação.

Alguns pesquisadores (Aubert, 1994; Guerini, 2008; Quadros, 2004; Segala, 2010, entre outros) descrevem a diferença conceitual referente à tradução e à interpretação em línguas de sinais. A primeira, sempre envolverá a escrita, que pode ser de qualquer língua ou do sistema *Sign Writing* (Escrita em Línguas de Sinais) para a LS ou vice-versa. Já a interpretação sempre envolverá uma língua oralizada para a LS ou vice-versa. Por concordarmos com essa definição, nesse texto, usaremos o termo ‘interpretação’, visto que os dados contemplam Língua Portuguesa (LP), falada (LF) e a Língua de Sinais (LS) sinalizada (LA), em nossas análises.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar as escolhas linguísticas, adotadas na interpretação da Língua Portuguesa (LP) – língua fonte (LF) para a Língua de Sinais Brasileira (Libras) – língua alvo (LA), relacionadas à lexicografia, sintaxe, semântica e pragmática, em contextos de avaliação de proficiência na língua de sinais. A sintaxe estuda a formação/estrutura das frases. A semântica é a área da Linguística que estuda o sentido (conceitos, significados) das palavras/sinais de uma determinada língua. A pragmática ocupa-se de investigar a forma como usamos a linguagem em situações reais de comunicação, trata do uso concreto da linguagem, considerando o contexto, as intenções e as expectativas dos interlocutores. Consideramos, em nosso estudo, a interação entre as funções semântica e pragmática na Libras na produção de sentidos e significados em contexto.

Os dados foram analisados com respaldo em autores como Gile (1998), Grice (1982), Quadros e Karnopp (2004), Rosa (2008), Gomes e Valadão (2020), entre outros.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apoiada em estudo de caso, a qual consiste na análise de recortes de vídeos do *corpus* paralelo Português/Libras. Os dados foram constituídos a partir de vídeos gravados em uma banca de avaliação na área da tradução e interpretação do Português/Libras. A análise está centrada em capturas de algumas partes

desses vídeos, reproduzidos pelas autoras, de forma fidedignas. Os materiais selecionados fazem parte do acervo da instituição responsável pela avaliação da proficiência em Libras.

A Banca de Proficiência é organizada em seis momentos avaliativos, cada etapa com um peso específico na nota final, que determinará o nível de proficiência do candidato. As etapas são: 1. Apresentação pessoal: O candidato, em Libras, apresenta-se, destacando os pontos relevantes para a banca, como formação acadêmica, experiência profissional e contato com a comunidade surda. Esta etapa deve durar no máximo três minutos; 2. Conhecimento teórico: Quinze questões abordam os fundamentos históricos e acadêmicos da Educação de Surdos, bem como a linguística da Libras/LP e os processos de tradução e interpretação. O candidato sorteia dois números, e as respectivas questões são feitas pela banca. As perguntas são realizadas e respondidas em Libras; 3. Questões de ordem ética profissional: Similar à etapa 2, o candidato sorteia duas questões das quinze possíveis. Neste momento, as perguntas são feitas e respondidas oralmente em Língua Portuguesa; 4. Interpretação da Língua Portuguesa oral para Libras: Quinze vídeos, com temas de diferentes componentes curriculares e anos/séries do Ensino Fundamental II e Médio, estão disponíveis para sorteio. O candidato sorteia um número e interpreta o vídeo correspondente em Libras, em até três minutos; 5. Interpretação da Libras para a Língua Portuguesa: Quinze vídeos, sinalizados por professores surdos e/ou ouvintes bilíngues, abordam fundamentos históricos e acadêmicos da Educação de Surdos, linguística da Libras/LP, processos de tradução e interpretação, literatura e histórias de vida. O candidato sorteia um número e realiza a interpretação oral em Língua Portuguesa, em até três minutos; 6. Interpretação de narrativa: O candidato sorteia uma temática, dentre quinze possíveis, relacionadas a situações do cotidiano escolar. Um avaliador surdo narra a situação presencialmente, e o candidato realiza a interpretação oral em Língua Portuguesa.

Em nosso estudo, o recorte para produção de dados e análise foi com base no item 4, *Interpretação da Língua Portuguesa oral para Libras*. A aula sorteada pelos candidatos foi do componente curricular ‘Ensino Religioso’, versando sobre o tema ‘Diversidade Religiosa’. Em vídeo, é apresentado o professor explanando oralmente o conteúdo, com duração de 3 minutos e 24 segundos. Aos candidatos, é requerida a interpretação simultânea, ou seja, enquanto o enunciador está falando, o candidato interpreta concomitantemente, sem cortes.

Selecionamos os vídeos de dois candidatos aprovados na banca: o candidato 1, aprovado com nível 1 (alta proficiência, nota entre 8,0 e 10,0), e o candidato 2, aprovado com nível 2 (boa proficiência, nota entre 6,0 e 7,9). A seleção foi baseada em dois critérios: 1) ambos os candidatos deveriam ter sorteado a mesma aula para interpretação simultânea; 2) ambos deveriam ter sido aprovados na banca.

Os dados foram produzidos com trechos do conteúdo sinalizado pelos candidatos, em análise comparativa, para compreendermos as estratégias de interpretação utilizadas e as escolhas de ordem semântica e pragmática no processo interpretativo. Pretendemos, ainda, verificar se os candidatos conseguiram manter a fidelidade e coerência do conteúdo da Língua Portuguesa (LF) para a Libras (LA); se os léxicos (sinais) foram os mesmos ou equivalentes; se seguiram a mesma ordem sintática; se

demonstraram, por meio de expressões faciais, a mesma relevância que algumas partes do enunciado exigia.

Para esta análise, selecionamos três trechos da aula e elaboramos as glosas, que são registros escritos para associar cada sinal a uma palavra em português, aproximando o significado. A fim de preservar o anonimato dos candidatos, as autoras (tradutoras/intérpretes) deste artigo reproduziram, em vídeo, os trechos selecionados de forma fidedigna a interpretação dos candidatos, que serão destacados ao longo da análise.

3. O tradutor/intérprete, a tradução e a interpretação

Atualmente, a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) desfruta de reconhecimento formal (Brasil, 2010), reflexões acadêmicas e debates aprofundados sobre escolhas semânticas e pragmáticas, como apresenta este artigo, evidenciando a complexidade do ato interpretativo das línguas de sinais. No entanto, esse *status* consolidado é bastante recente. O que hoje é uma prática profissional regulamentada, já foi, no passado, predominantemente assistemática e informal.

Segundo Gesser (2009 p. 47), muitos intérpretes brasileiros estabelecem sua relação com a língua de sinais por meio de laços familiares e da convivência social com surdos, sobretudo em ambientes escolares e religiosos. Desse modo, à medida que pessoas surdas passaram a frequentar atividades sociais, inclusive as religiosas, criou-se uma situação de “emergência comunicativa”, conforme destaca a autora, levando à necessidade de pessoas que tinham contato com a comunidade surda desenvolverem habilidades para mediar a interação surdo/ouvinte. Em decorrência disso, várias pessoas iniciaram sua atuação como intérpretes em igrejas, trabalhando voluntariamente para assegurar o acesso da comunidade surda às práticas litúrgicas. Nessa fase inicial, a atuação voluntária prevalecia sobre critérios técnicos e formativos, o que resultava em pouca atenção à complexidade semântica e pragmática das escolhas interpretativas. Além disso, havia escassez de aprofundamento teórico sobre como as expressões de fé, símbolos e referências culturais poderiam ser transpostas para a Libras de modo que os surdos compreendessem os conceitos em condições de acessibilidade linguística equivalentes às dos ouvintes.

Embora tenha sido fundamental ampliar o acesso da comunidade surda à atividades sociais, como eventos religiosos, a profissão do tradutor intérprete de Libras apenas começa ser fortalecida após a Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) que reconheceu a Libras e, principalmente, o Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005), que explicitamente mencionou a profissão de tradutor/intérprete e regulamentou sua presença na rede de ensino, além de definir atribuições, competências e requisitos de formação para atuação profissional.

A partir de então, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que implantou, em 2006, o primeiro curso superior de Letras/Libras no país, impulsionou discussões acadêmicas mais robustas acerca da complexidade do ato interpretativo, ampliando a preocupação com a precisão semântica e

a adequação pragmática. Assim, programas de pós-graduação em áreas como Estudos da Tradução, Linguística, Letras e Educação passaram a acolher pesquisas específicas sobre a interpretação em Libras, produzindo dissertações e teses que abordam as nuances metodológicas, pragmáticas e cognitivas. Tais estudos contribuíram para evidenciar o papel central das escolhas linguísticas na mediação entre surdos e ouvintes, reforçando a necessidade de uma formação especializada para o tradutor e intérprete.

Nesse contexto formativo e profissional, o tradutor e intérprete de Libras/LP encontra no espaço educacional sua maior demanda e este exige um perfil específico para o trabalho. O intérprete educacional, necessita de habilidades tradutórias e interpretativas que perpassam por técnicas e estratégias.

Cabe destacar que, no âmbito educacional, as escolhas das estratégias tradutórias e interpretativas são essenciais para a promoção de construções enunciativas que favoreçam a compreensão dos estudantes surdos, ainda que tais opções envolvam a inclusão de mecanismos explicativos no contexto da informação. Dadas as especificidades já mencionadas, isso não faculta ao TILS a posição de detentor do discurso fonte, ou de agente cerceador dos direitos do público-alvo a quaisquer informações, mas legitima o profissional a ser, de fato, um mediador hábil no oferecimento de uma mensagem mais coerente possível a esses estudantes (Gomes; Valadão, 2020, p. 608).

Entende-se, portanto, que o profissional está imerso no ato interpretativo que se efetiva na interface de duas línguas, a LF, língua de partida, na qual o TILS vê ou ouve e realiza a interpretação e tradução para outra língua, a LA. A interpretação e tradução transcendem a codificação e decodificação de informações, além de envolver técnicas e estratégias interpretativas, demandam um sólido conhecimento da pragmática, pois mobilizam a subjetividade e os contextos histórico, social e cultural de cada TILS.

No que se refere a ação do TILS, (Rosa, 2008, p. 115) explica,

O trabalho do intérprete de língua de sinais consiste em pronunciar, na língua de sinais, um discurso equivalente ao discurso pronunciado no português oral (ou vice-versa). O ILS trabalha em variadas circunstâncias, precisando ser capaz de adaptar-se a uma ampla gama de situações e necessidades de interpretação da comunidade surda, situações às vezes tão íntimas quanto uma terapia, sigilosa como delegacias e tribunais, ou tão expostas como salas de aulas e Congressos (Rosa, 2008, p. 115).

Dentre as possibilidades de interpretação temos a *consecutiva* e *simultânea*, e cada uma requer técnicas específicas. Na interpretação consecutiva, o TILS escuta ou vê uma sentença completa e posteriormente faz interpretação, “o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo” (Pagura, 2003, p. 211).

Na interpretação simultânea, a enunciação fonte está em andamento, o TILS acompanha a sinalização ou a fala e realiza a interpretação, sem cortes. O TILS recebe a mensagem na LF, enquanto a enunciação acontece, interpretando-a em tempo real para a LA, com apenas um hiato de alguns segundos para processar a informação. Não há pausa para o locutor terminar um trecho grande do discurso, a interpretação ocorre praticamente em paralelo, seja do oral para o sinalizado ou vice-versa, ou seja, o TILS utiliza-se do *tempo de espera* ou *tempo de atraso* (*lag-time*, em inglês ou *décalage*, em francês). “A interpretação simultânea ocorre, basicamente, na versão de uma língua a outra em um pequeno intervalo de tempo que engloba a recepção da mensagem na língua-fonte, a (re)elaboração das informações na língua alvo e, finalmente, a sua produção” (Gomes; Valadão, 2020, p. 606). Esse pequeno atraso entre ouvir ou ver a enunciação na LF serve para processar a informação e ativar os recursos técnicos, cognitivos e linguísticos para passar para a LA no tempo da enunciação.

4. Análise e discussão dos dados

Há diversos recursos gramaticais da Libras utilizados durante o processo de interpretação dos excertos selecionados para a análise (datilologia, marcadores não manuais, uso de referentes no espaço, classificadores, entre outros). Contudo, não é nosso objetivo, nesse texto, descrever todos os recursos linguísticos e gramaticais da Libras, visto que eles são muitos e, mesmo que quiséssemos, não daríamos conta em apenas um artigo. Faremos, portanto, a descrição dos recursos que estão mais relacionados aos aspectos semântico e pragmático, tanto das escolhas lexicais, quanto das sintáticas.

Quadro 1: Excerto 1 em LF e em LA (glosas)

LÍNGUA PORTUGUESA (LF)	
Como todos sabem estudando a história, a religião é um elemento muito importante para as civilizações, aliás existem muitas civilizações que se constituíram a partir de crenças religiosas.	
GLOSAS 1	
Candidato 1	Candidato 2
TOD@ ⁴ VOCÊ SABER ESTUDAR HISTORICAMENTE RELIGIÃO MOMENTO MUITO-IMPORTANTE TOD@ SOCIEDADE SOCIEDADE DIFERENTE SOCIEDADE INICIAR ACREDITAR RELIGIÃO.	TOD@ HOJE SABER ESTUDAR HISTÓRIA RELIGIÃO IMPORTANTE TOD@ POPULAÇÃO. TER VÁRI@ POPULAÇÃO GRUPO ORGANIZAR ACREDITAR DIFERENTE.
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS (LA)	
Candidato 1	Candidato 2
https://www.youtube.com/watch?v=tnh8T_T-ZPo	https://www.youtube.com/watch?v=ez4muD14nBw

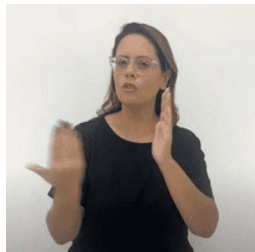
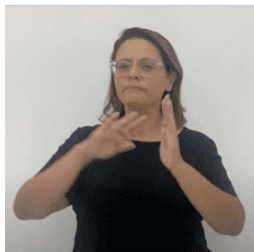
Fonte: Elaboração das autoras (2025).

⁴ Na Libras, quando as palavras da LP são transcritas para as glosas (que seguem a estrutura da LS), não levam a marca da desinência de gênero e número, portanto as palavras da LP, que possuem essas marcas, e são transformadas em glosas, estão terminadas com o símbolo @, como por exemplo: AMIG@ - “amigo(s) ou amiga”, FRI@ - “frio ou fria”, MUIT@ - “muito ou muita”, ME@ - “meu ou minha”, EL@ - “ele ou ela”.

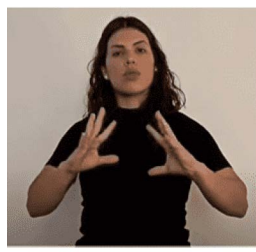
Nesse excerto, do quadro 1, os candidatos utilizam diversos sinais diferentes. O primeiro é o sinal de ‘TODOS’, vejamos:

Figura 1: sinal de TOD@

Candidato 1



Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

De acordo com os dicionários de Fernando Capovilla, essas duas formas de sinalizar ‘TOD@’ existem, tratam apenas de sinais regionais, mas com o mesmo valor semântico.

No texto da LF, há a palavra ‘história’ (“Como todos sabem estudando a **história**...”) e mais uma vez os candidatos optaram por dois sinais diferentes, vejamos:

Figura 2: sinal de HISTÓRIA

Candidato 1



Candidato 2



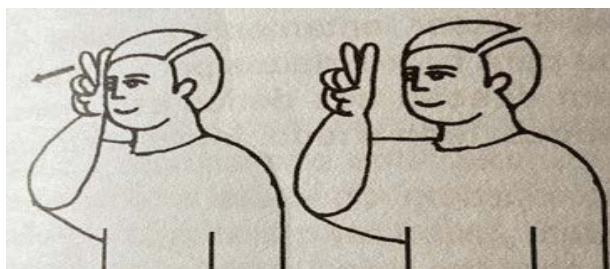
Fonte: Elaboração das autoras (2025).

O candidato 1 se utiliza de um sinal que, comumente, está mais relacionado a um contexto de marcação de temporalidade, algo que acontece a um longo tempo, do passado até o momento.

O candidato 2 tenta utilizar o sinal convencional de ‘HISTÓRIA’, mas, apesar de a configuração de mão estar correta, a orientação da palma da mão e o movimento deveriam ser para a frente, conforme podemos observar em (Capovilla *et al.*, 2017):

Figura 3: sinal de HISTÓRIA, segundo Capovilla

Sinal de História



Descrição

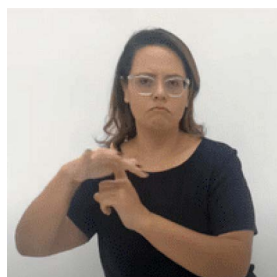
“Mão em V, palma para frente. Passar lentamente a lateral do indicador para frente, no lado direito da testa”

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1463).

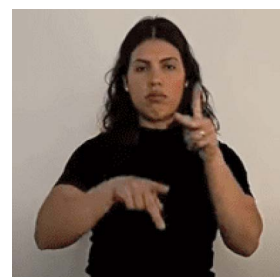
Ao interpretarem o léxico ‘civilizações’ (LF), os candidatos se apropriaram de dois diferentes sinais: o candidato 1 sinalizou ‘sociedade’ e o candidato 2 ‘população’ conforme podemos ver nas fotos a seguir:

Figura 4: sinais de SOCIEDADE e POPULAÇÃO

Candidato 1



Candidato 2

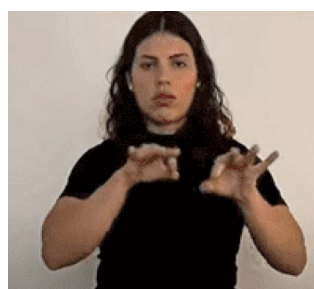


Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Para dar o plural de ‘civilizações’, conforme está na LF, o candidato 1 sinaliza ‘SOCIEDADE’, duas vezes, com o corpo ereto, e, ao sinalizar pela segunda vez, inclina o corpo à sua direita concluindo o sinal e deslocando o sinal no espaço para caracterizar o plural (fig. 4). Já, o candidato 2 repete o sinal de ‘POPULAÇÃO’ quatro vezes e, ao final, usa o sinal GRUPO + ORGANIZAÇÃO, ou seja, utiliza-se da sinonímia, vejamos:

Figura 5: sinais de GRUPO e ORGANIZAÇÃO

Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Percebe-se, assim, que ambos os candidatos buscam, em seus repertórios linguísticos, o sinal correspondente à ‘civilizações’, visto que não conheciam o sinal equivalente na Libras. Ao pesquisarmos o significado de ‘sociedade’, ‘população’ e ‘civilização’, temos o seguinte: sociedade: “grupo de pessoas que, voluntariamente, vivem sob determinadas regras comuns” (Michaelis, 2025, n.p., grifo nosso); população: “conjunto dos indivíduos que habitam uma localidade, um país, um território, o mundo” (Michaelis, 2025, n.p., grifo nosso); civilização: “conjunto de aspectos próprios da vida social, intelectual, artística, cultural, econômica, política e moral de uma sociedade” (Michaelis, 2025, n.p., grifo nosso).

Em nossa compreensão, os três termos são formados por um ‘conjunto’ ou ‘grupo’ de pessoas e, assim, podemos afirmar que esses três itens lexicais apresentam a sinonímia lexical, que Araújo e Carvalho (2017, p. 210) descrevem da seguinte forma: “é uma relação entre palavras, como nos exemplos ‘belo’ e ‘bonito’, ‘secar’ e ‘enxugar’ onde os traços que as identificam parecem coincidir”.

Além disso, não houve perda semântica, uma vez que os três vocabulários (sociedade, população e civilização) apresentam uma proximidade de sentido e, assim, os dois candidatos mantiveram fidelidade e clareza nessa mensagem na LS.

Diante disso, não podemos dizer que um candidato foi mais sensato do que o outro, em suas escolhas lexicais, porque a interpretação simultânea exige muita agilidade, nessa busca cognitiva, e torna-se bastante natural utilizar-se do primeiro sinal correspondente, que faz parte da memória semântica de cada TILS. Contudo, é preciso que o repertório linguístico do TILS seja amplo, com múltiplos sinônimos, para, assim, não gerar a ‘paralisia’ interpretativa.

Quadro 2: Excerto 2 em LF e em LA (glosas)

LÍNGUA PORTUGUESA (LF)					
Eu vou definir a cultura a partir do pensamento de uma antropóloga norte-americana chamada Ruth Benedict. Ela diz o seguinte: “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”					
GLOSAS					
Candidato 1			Candidato 2		
COMPREENDER CULTURA PENSAR REFLEXÃO IMAGINAR NOME R-U-T-H			EXPLICAR CULTURA PENSAR		
EXPLICAR O QUE? CULTURA UMA VER			PESQUISADORA R-U-T-H. CULTURA		
IMAGEM NÓS SER HUMANO CONSEGUIR PERCEBER O MUNDO.			COMO VER HOMEM VER MUNDO.		
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS (LA)					
Candidato 1			Candidato 2		
https://www.youtube.com/watch?v=4Hf4RZp4srs			https://www.youtube.com/watch?v=_zSjGyIt8BE		

Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Um dos principais desafios na interpretação de metáforas da LP para Libras reside no fato de muitas delas estarem enraizadas em expressões culturais e linguísticas específicas e, frequentemente,

não encontrando correspondência direta na Libras. Assim, cabe ao intérprete buscar sinais ou sequências de sinais capazes de recriar a imagem metafórica na mente do surdo, preservando a intencionalidade do falante em LP e adequando-a ao contexto sociocultural e linguístico da Libras.

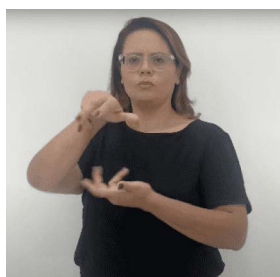
Nesse excerto, do quadro 2, destaca-se a existência da metáfora: “a cultura é como uma lente da qual o homem vê o mundo”. Percebe-se que a noção central de que a cultura permite enxergar o mundo de certa forma é preservada por ambos os candidatos, mas com enfoques pragmáticos e semânticos ligeiramente distintos. O candidato 1 insere vários verbos ligados ao pensamento (COMPREENDER, PENSAR, REFLEXÃO, IMAGINAR), enfatizando a natureza conceitual do tema “cultura” e também utiliza a estratégia de pergunta retórica (EXPLICAR O QUE?) para organizar o fluxo de informações. O candidato usa o acréscimo de “VER IMAGEM” e, na sequência “NÓS SER HUMANO CONSEGUIR PERCEBER O MUNDO” para transmitir a metáfora de “cultura como lente”. Apesar de não haver menção direta à palavra “lente”, a ideia de IMAGEM e PERCEBER sugere a intencionalidade da representação.

O candidato 2 optou por uma sinalização mais direta e objetiva, sem perguntas retóricas. Ele comprime a metáfora de ‘Ruth Benedict’ em poucas palavras: “CULTURA COMO VER HOMEM VER MUNDO”, mas, assim como o candidato 1, consegue, em partes, transmitir a ideia de que a cultura está relacionada à forma de ver o mundo. Assim, o candidato alcançou a máxima de relação da metáfora a ser interpretada, Grice (1982).

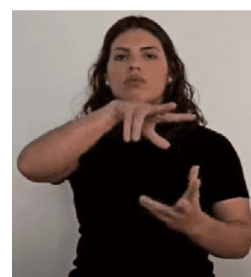
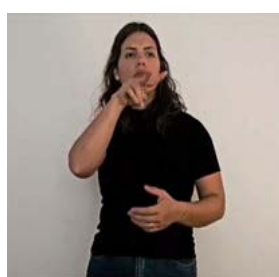
Ambos fazem omissões de sinais e de escolhas, como a dêitica-anafórica, que poderiam potencializar a interpretação da metáfora, como marcar a referência da antropóloga no espaço de sinalização e depois usar o apontamento para retomar a personagem e marcar que ela conceitualiza o que é cultura.

Figura 6: sinais de PERCEBER MUNDO e VER MUNDO

Candidato 1



Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Quanto à interpretação da função de ‘Ruth como antropóloga’, ambos os candidatos deixaram de sinalizar especificamente o termo “antropóloga”. Enquanto o candidato 2 optou por caracterizar ‘Ruth’ como “pesquisadora”, aproximando-se do conceito da profissão, seguido pela soletração do nome próprio, o candidato 1 omite qualquer menção à sua função profissional e usa apenas o alfabeto

manual para soletrar o nome da antropóloga. Essa diferença mostra que, embora a ideia geral de alguém com autoridade acadêmica não tenha sofrido prejuízo, a ausência do léxico correspondente em Libras para “antropóloga” limita a precisão do enunciado, podendo comprometer o entendimento de sua área de estudo específica.

Quadro 3: Excerto 3 em LF e em LA (glosas)

LÍNGUA PORTUGUESA (LF)	
Desse modo nós podemos entender que a diversidade religiosa está diretamente relacionada à diversidade cultural, cada cultura tem uma maneira de crer, cada cultura tem uma maneira de entender o seu sagrado, cada cultura tem uma maneira de ver o que é profano e o que é santificado.	
GLOSAS	
Candidato 1	Candidato 2
ENTÃO PERCEBER DIVERSIDADE RELIGIÃO DIRETA RELAÇÃO DIVERSIDADE CULTURAL CADA CULTURA TER UM MOMENTO ACREDITAR COMO ENTENDER VÁRI@ SAGRADO VER CULTURA EXPLICAR OU ERRADO	NÓS PODER ENTENDER DIVERSIDADE RELIGIÃO FOCO VÁRI@ CULTUR@. CADA CULTURA ACREDITAR ESPECIAL ENTENDER SANTO. CADA CULTURA VER O QUE CERTO, O QUE SANTO
INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS (LA)	
Candidato 1	Candidato 2
https://www.youtube.com/watch?v=1gtzKUvcrtM	https://www.youtube.com/watch?v=-39j2936jd4

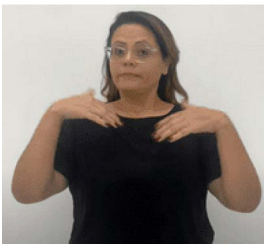
Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Nesse excerto, os candidatos realizaram algumas escolhas linguísticas bastante diferentes. Na frase da LF, havia a palavra ‘nós’ (“Desse modo **nós**...”). O candidato 1 ignorou esse sinal e começou a interpretação pelo sinal ‘então’, para fazer um gancho com o enunciado anterior, criando fluxo na interpretação.

O candidato 2 começou a interpretação, justamente, pelo sinal ‘nós’, conforme podemos verificar nas figuras:

Figura 7: sinais de ENTÃO e NÓS

Candidato 1



Candidato 2

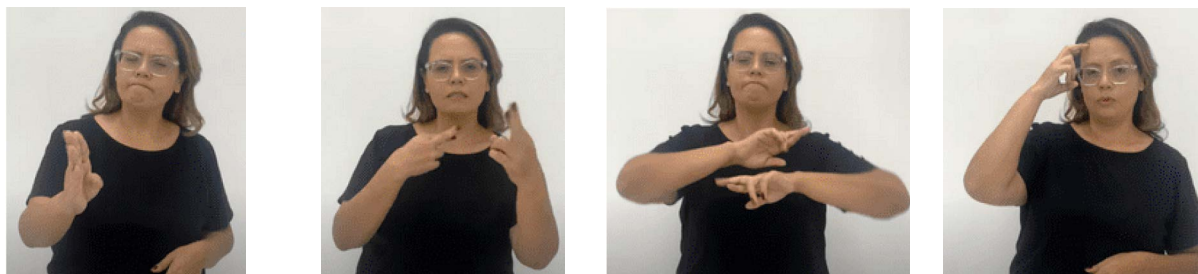


Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Na frase da LF “diretamente relacionada à diversidade cultural”, o candidato 1 tenta se aproximar da mensagem utilizando a seguinte estratégia ‘DIRETA RELAÇÃO DIVERSIDADE CULTURAL’, conforme a figura 5:

Figuras 8: DIRETA RELAÇÃO DIVERSIDADE CULTURAL

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Na frase em LP, “a diversidade religiosa está diretamente **relacionada** à diversidade cultural”, a palavra ‘relacionada’, dentro dessa oração, é um predicativo do sujeito (a diversidade religiosa). Ao analisarmos, sintaticamente, esta oração, podemos dizer que ela obedece à uma estrutura sintática básica (sujeito+verbo+objeto ou complemento) da LP, sendo: A diversidade religiosa (sujeito simples), está (verbo de ligação), diretamente (adjunto adverbial), a diversidade cultural (complemento nominal).

A sintaxe da Libras oferece múltiplas possibilidades de ordenação nas estruturas sintáticas, tais como: SVO (ordem básica), VSO, OVS, VOS (Cotovicz; Streiechen; Antoszcyszen, 2018). Entretanto, para usar essas possibilidades, muitas vezes torna-se necessário trazer outros elementos linguísticos da Libras, como a topicalização – recurso para dar ênfase a um elemento da oração; a deixis – ação de apontar, mostrar os referentes alocados no contexto do discurso; anáfora – retomada do referente alocado no espaço⁵; marcadores não manuais (MNM) – conhecidos também como as Expressões Faciais – um dos parâmetros linguísticos da Libras, Classificadores (CL) – exercem diversas funções morfológicas no discurso, tais como: assumir referentes de pessoa, animais, objetos; atribuir características como forma, tamanho ou qualidade a um objeto; descrever uma ação verbal ou de adjetivo, locativo, advérbio de modo e nome (pronome), entre muitas outras propriedades (Streiechen; Finau, 2024).

Contudo, nota-se, na interpretação de ambos os candidatos, uma tentativa de seguir a ordem sintática da estrutura em LP, quase se encaminhando para um português sinalizado, pois em nenhum momento esses TILS fazem uso desses recursos gramaticais mais específicos da Libras, tentando sinalizar de forma mais pragmática e literal, com uma simples sobreposição de sinais.

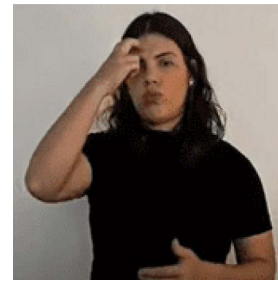
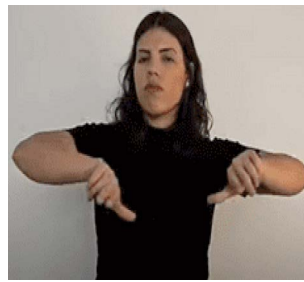
⁵ Para entender, de forma mais aprofundada, o uso de referentes no espaço e o processo dêitico-anafórico, segue sugestão de leitura: Streiechen, E. M. Finau, R. Escolhas linguísticas na tradução de um artigo científico da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira. *Revista Uniletras*, Ponta Grossa, v. 46, p. 1-26, e-22182, 2024.

Neste contexto, o candidato 1, sem pensar nos conceitos de ‘relação’ existentes na LS, faz uso do sinal de ‘RELAÇÃO’ (entre indivíduos) e, assim, perde-se o valor semântico dentro desse contexto, tendo em vista que o léxico ‘relacionada’ (LF) está mais condizente à ‘conexão’ ou ‘ligação’ (LA).

O candidato 2 segue uma estratégia diferente sinalizando ‘FOCO VÁRI@ CULTUR@’, vejamos:

Figura 9: sinalização: FOCO VÁRI@ CULTUR@

Candidato 2



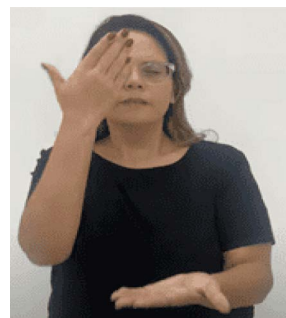
Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Em nossa compreensão, a omissão do sinal ‘relacionada’ comprometeu a fidelidade da mensagem. Esse candidato quase não faz uso dos recursos gramaticais da Libras, como os MNM e sem explorar o espaço de sinalização em frente ou ao lado do corpo, dificultando, assim, a compreensão da mensagem em sua íntegra.

Nesta mesma frase da LF, no trecho, “cada cultura tem uma **maneira** de entender”, o candidato 1 sinaliza ‘CADA CULTURA MOMENTO ACREDITAR’. Assim, ele substituiu o sinal de ‘MANEIRA’ por ‘MOMENTO’, conforme a figura a seguir:

Figura 10: sinalização: MOMENTO ACREDITAR

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

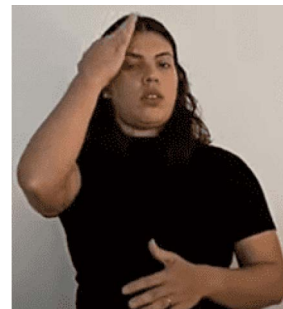
Aqui, novamente, o valor semântico é desconstruído e compromete a compreensão da mensagem em sua totalidade. Fica claro que no processo da interpretação simultânea, é essencial o *lag-time* para

que as buscas lexicais tenham melhores possibilidades e consigam manter o mesmo valor semântico. Neste aspecto, ter domínio de um vocabulário farto faz muita diferença.

O candidato 2 recorreu a mais sinais e sua interpretação ficou assim: ‘CADA CULTURA ACREDITAR ESPECIAL ENTENDER’. Vamos ver apenas os três últimos sinais de ‘ACREDITAR ESPECIAL SABER’:

Figura 11: sinalização: ACREDITAR ESPECIAL SABER

Candidato 2

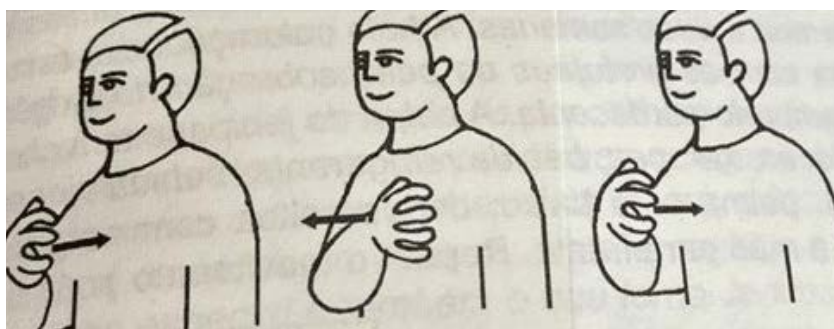


Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Se invertêssemos essa interpretação da Libras para o Português falado, provavelmente, a mensagem ficaria assim: Cada cultura tem um modo especial de acreditar e saber [...]. Embora o sinal MANEIRA ou MODO não apareçam na sinalização, um bom TILS a usaria nesse contexto, como equivalente semântico. Contudo, há um sinal que os candidatos poderiam ter utilizado, MANEIRA/MODO/JEITO, que possuem o mesmo sinal, conforme segue:

Figura 12: Sinal de MANEIRA/JEITO/MODO

Sinal de MANEIRA/JEITO/MODO



Descrição

“Mão horizontal aberta, palmas para trás, dedos curvados. Tocar as pontas dos dedos no peito, repetidas vezes”.

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1759).

Ao utilizarem esse sinal de ‘MANEIRA’, a mensagem ficaria bem mais clara e seu significado de acordo com a LF.

Na frase da LF “cada cultura tem uma maneira de entender o seu **sagrado**, cada cultura tem uma maneira de ver o que é profano e o que é **santificado**”, há a palavra ‘sagrado’ e ‘santificado’. O candidato 1, na primeira menção ao léxico ‘sagrado’ utiliza o seguinte sinal:

Figura 13: Sinal de SAGRADO

Candidato 1



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Ao final, em vez de retomar o sinal ‘sagrado, por meio do dêitico-anafórico, para interpretar “o que é **profano** e o que é **santificado**”, ele decide usar o espaço neutro de sinalização, inclinando o corpo à esquerda, e sinalizar ‘CULTURA EXPLICAR’ e inclinando o corpo à direita, sinalizar ‘OU ERRADO’. Vejamos:

Figura 14: Sinalização: CULTURA EXPLICAR OU ERRADO

Candidato 1



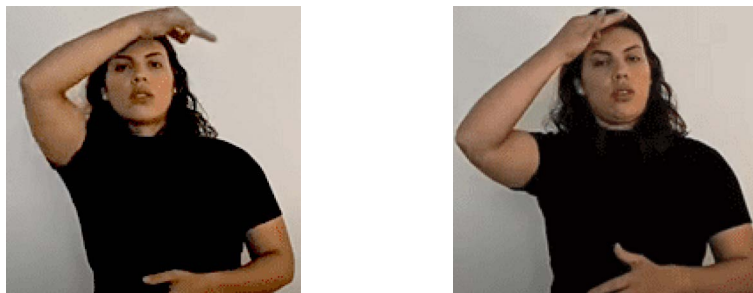
Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Entende-se que o candidato 1 não conseguiu passar a mensagem claramente, pois, semanticamente, o sinal ‘EXPLICAR’ não substitui o sinal de ‘SANTIFICADO’. Uma hipótese é que esse candidato, ao sinalizar CULTURA (figura 12), pretendia, na sequência, ainda com corpo ereto, sinalizar EXPLICAR’ (CULTURA EXPLICAR) e, ao seu lado direito, sinalizar ‘SAGRADO, e do outro lado ‘ERRADO’, utilizando o espaço lateral de sinalização. Contudo, ele lançou o corpo à sua direita antecipadamente, esquecendo-se de alocar, nesse espaço, o sinal SAGRADO.

Já, o candidato 2 usou o sinal de ‘SANTO’, tanto para ‘sagrado’, quanto para santificado’, conforme demonstrado na figura 13:

Figura 15: Sinal de SANTO

Candidato 2

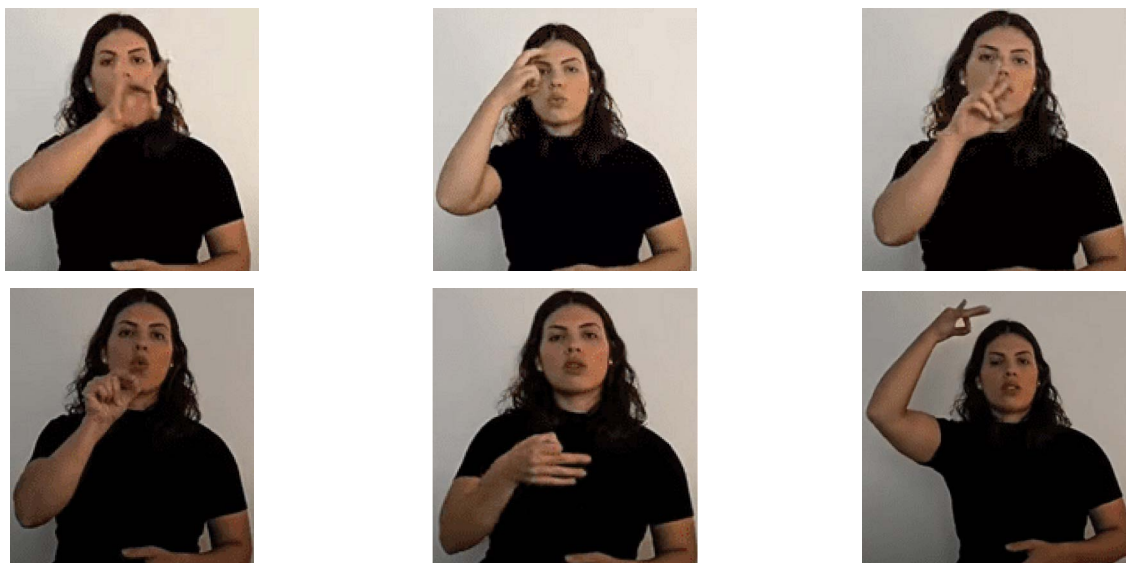


Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Para sinalizar “o que é **profano** e o que é **santificado**”, esse candidato sinaliza ‘CADA CULTURA VER CERTO ERRADO’, conforme seguem as fotos ilustrativas:

Figura 16: Sinalização: CADA CULTURA VER O QUE CERTO SANTO

Candidato 2



Fonte: Elaboração das autoras (2025).

Percebe-se que a sinalização do candidato 2, em relação a esse e aos demais excertos, é uma sobreposição de sinais, sem usar o espaço em frente ou nas laterais do corpo, quase sem expressões faciais e corporais, que são recursos fundamentais no processo interpretativo. Sua expressão é neutra em quase toda a interpretação. Às vezes, há um leve movimento dos lábios com emissão de alguns termos da LP.

Em relação a outros recursos linguísticos que a Libras oferece, a topicalização seria um elemento que contribuiria demais nesse contexto pragmático, visto que:

O surdo precisa visualizar a situação enunciada para que esta faça sentido. Dessa forma, construções com topicalizações parecem atender este quesito, visto que o componente mais importante é trazido para o topo da sentença e posteriormente recebe os comentários (Cotovicz; Streiechen; Antoszcyszen, 2018, p. 33).

Outros elementos, que enriqueceriam a interpretação, seriam o processo dêitico-anafórico, os classificadores, o uso dos espaços mentais na organização do espaço de anunciação, as expressões faciais e corporais. De modo geral, o candidato 1 utilizou-se mais desses elementos do que o candidato 2, o que impactou no entendimento do que foi enunciado em LS, mesmo ocorrendo omissões significativas no processo tradutório.

Desta forma, compreendemos que o trabalho do tradutor e intérprete implica em um processo, em que ele pode influenciar o objeto e o resultado da tradução. Ele recebe a LF, a interpreta e precisa, no ato, decidir sobre o vocabulário, a pragmática e a semântica, buscando coerência e coesão em ambas as línguas, ao mesmo tempo em que mantém a precisão das informações e das intenções da língua original. Essa complexa atividade requer um vasto conhecimento em diferentes campos por parte do intérprete em situação de tradução simultânea.

Considerações finais

Neste texto, analisamos três excertos de um conteúdo interpretado, da LP para a Libras, de dois candidatos em processo de avaliação em banca de proficiência da língua de sinais. A partir das nossas análises, foi possível considerar que ambos os candidatos utilizaram poucos recursos linguísticos da Libras, os quais poderiam enriquecer e tornar a interpretação mais clara e fiel, tais como: a dêixis e a anáfora, *role shift*, os classificadores, os referentes no espaço, entre outros. Houve, também, durante a interpretação, o emprego de sinais que não condiziam ao contexto na LF, ocasionando certa confusão na mensagem final, na LA.

Entretanto, é preciso considerar que esses TILS estavam participando de um processo avaliativo e isso deixa o candidato mais tenso, diminuindo, portanto, a capacidade de pensar rápido e encontrar os sinais equivalentes àquele contexto. Além disso, parte da banca é composta por pessoas ouvintes e, sinalizar para ouvintes, pode ser ainda mais complexo, porque esses ouvintes estão OUVINDO a mensagem e realizando julgamentos que irão interferir diretamente na aprovação ou reprovação do candidato que, por sua vez, sabe dessas consequências. Outra observação importante é que a nossa análise contempla uma, dentre seis etapas distintas de avaliação, cada uma com um valor numérico para chegar em uma nota que se configura no nível de proficiência do candidato.

Relevante destacarmos que é altamente recomendado, aos TILS, estudos específicos de técnicas de tradução e interpretação em LS/LP, pois tendem a potencializar os mecanismos de escolhas interpretativas para que no enunciado, na LA haja a equivalência do conteúdo da LF, em sua

integralidade, gerando os sentidos adequados entre as línguas e seus interlocutores, especialmente em situações de interpretação simultânea, que exige escolhas e decisões rápidas no processo interpretativo.

Consideramos que uma boa conduta de interpretação, do profissional TILS, vai além da noção de neutralidade, imparcialidade ou fidelidade, mas também se revela nas decisões linguísticas e interpretativas que levam em conta a quem se destina a interpretação, na busca incessante em apresentar a mensagem enunciada em sua integralidade.

Ainda, há a imprescindibilidade que o TILS tenha um envolvimento amplo e contínuo com a comunidade surda, pois é primordial mergulhar no universo linguístico, nos espaços de lazer, pesquisas e discussões, no sentido de buscar uma formação continuada, trocar experiências e parcerias nas questões que envolvem a atuação de surdos e ouvintes.

Nesse sentido, nossa investigação destaca que é fundamental aprofundarmos o estudo das escolhas linguísticas, especialmente no que se refere às funções semânticas e pragmáticas, e mostra-se essencial para aprimorar as práticas interpretativas, pois revela como o intérprete processa e produz significados em tempo real. Com base nisso, tais estudos não apenas consolidam a profissionalização do TILS, assegurando qualidade e eficiência no atendimento às demandas comunicacionais dos surdos, mas também abrem perspectivas promissoras para novas pesquisas e para o avanço contínuo do campo da tradução e interpretação.

Referências

AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994,

ARAÚJO, Marília do Socorro Oliveira; CARVALHO, Márcia Monteiro. O desafio da tradução entre Língua Portuguesa e Libras diante do fenômeno da sinonímia. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, pp. 208-228, maio-ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/hSNPc9js8G5HxSzMqNbKqx/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 2 set. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 18 abr. 2025.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MARTINS, Antonielle Cantarelli; TEMOTEO, Janice Gonçalves. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: EDUSP, 2017.

COTOVICZ, Marcio; STREIECHEN, Eliziane Manosso; ANTOSZCYSZEN, Samuel. Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe. *Odisseia*, Natal, RN, v. 3, n. 1, pp. 16-35, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12613>. Acesso em: 6 abr. 2025.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GILE, Daniel. Conference and simultaneous interpreting. In: BAKER, Mona. (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

GOMES, Eduardo Andrade.; VALADÃO, Michele Nave. Tradução e interpretação educacional de Libras-língua portuguesa no ensino superior: desdobramentos de uma atuação. *Trabalhos em linguística aplicada*, 59. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/PR6PwJ8r3dsgJX7xyMLbSpF/>. Acesso em: 1 abr. 2025.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos Metodológicos da Linguística: volume IV – Pragmática – Problemas, Críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

GUERINI, Andréia. *Introdução aos estudos da tradução*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras – Modalidade a Distância, 2008.

MICHAELIS. Civilização. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/civiliza%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 18 maio 2025.

MICHAELIS. População. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/popula%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 18 maio 2025.

MICHAELIS. Sociedade. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sociedade/>. Acesso em: 18 maio 2025.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *Delta, Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 19, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-44502003000300013>.

QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos/MEC. Brasília: SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller. de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

ROSA, Andrea da Silva. *Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Campinas, SP, 2008.

SEGALA, Rimar Ramalho. *Tradução intermodal e Intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; FINAU, Rossana Aparecida. Escolhas linguísticas na tradução de um artigo científico da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira. *Revista Uniletras*, Ponta Grossa, v. 46, pp. 1-26, e-22182, 2024.